

INTERNET ARCHIVE E SPOTIFY

INFORME SETORIAL

Como o Internet Archive virou uma improvável alternativa ao Spotify

Criado em 1996 para ser um espaço de memória da internet, serviço evoluiu como um lugar para escutar música na rede; acervo vai de Carmen Miranda a Nirvana.

O Estado de S. Paulo.

Com 82 milhões de músicas, o Spotify se tornou um lugar onde é difícil não encontrar aquilo que se deseja escutar. O acervo, porém, tem brechas – e um improvável espaço online vem tirando vantagem disso. Dono de uma interface caótica, o Internet Archive (IA) se tornou um dos mais alternativos espaços para ouvir e pesquisar música na internet – lá, estão desde discos de Carmen Miranda a mixtapes do hip-hop.

Não era exatamente essa a missão do serviço. Fundado em 1996 por Brewster Kahle, o Internet Archive é uma organização sem fins lucrativos que visa a dar “acesso universal a todo conhecimento já produzido”. Na prática, o IA virou o grande repositório da memória na rede – sua ferramenta mais famosa é o Wayback Machine, o robzinho que “tira fotos” de páginas da web e que preserva boa parte daquilo que já morreu na internet. Atualmente, o serviço guarda 625 bilhões de páginas da web.

Com o tempo, o IA começou a arquivar transmissões de TV, vídeos, programas

de rádio e livros. Em 2002, foi a vez de a música ganhar espaço. “Alguns amigos me procuraram para dizer que a comunidade de ‘tapers’ dos anos 1970 (pessoas que gravavam shows de maneira não-oficial) ainda estava ativa, mas não tinham onde guardar o material”, relembra Kahle ao Estadão.

“Procuramos o Etree, grupo de fãs de música que registrava e distribuía shows gravados, e oferecemos a eles espaço ilimitado eterno. Assim, nasceu a coleção de música ao vivo, a primeira do IA”, conta Kahle. A ideia ganhou fôlego quando o Grateful Dead, uma das principais bandas do rock psicodélico dos anos 1960 e 1970, resolveu oferecer milhares de apresentações no serviço.

Com o tempo, fãs de outros artistas passaram a postar apresentações. É possível, por exemplo, encontrar muitos shows de toda a carreira do Nirvana, do final dos anos 1980 aos últimos dias da banda, em 1994. Hoje em dia, o serviço abriga 240 mil shows de 8 mil artistas – tudo pode ser ouvido ou baixado gratuitamente.

A documentação musical ganhou corpo: fãs de hip-hop, por exemplo, passaram a postar “mixtapes”. As fitas (ou CDs) são o material fundamental pelo qual DJs, rappers e MCs transitam seus trabalhos no underground. A coleção de mixtapes do IA inclui nomes famosos, como Eminem, Travis Scott e Lil Wayne. São mais de 13 mil mixtapes em uma única coleção.

A menina dos olhos de Kahle é bem mais antiga. Em 2017, o IA passou a digitalizar cilindros fonográficos e discos de 78 rotações por minuto (RPM), tecnologias anteriores ao disco de vinil. “Adoro os 78 RPM. Outro dia, durante uma festa de Mardi Gras, toquei uns discos de dixieland (jazz tradicional) de Nova Orleans”, conta ele.

Os discos de 78 RPM foram a principal maneira de escutar música gravada até a década de 1950. Estima-se que, só no mercado americano, tenham sido lançados 3

milhões de discos. Assim, os cerca de 330 mil cilindros e 78 RPM do IA registram gravações entre 1898 e 1950 de estilos variados: jazz, blues, gospel e ritmos regionais. É possível encontrar até discos de Carmen Miranda a partir do final dos anos 1930.

O IA desenvolveu um processo de digitalização com quatro tipos diferentes de agulha ao mesmo tempo – isso é necessário porque agulhas captam frequências sonoras diferentes, dando características únicas a cada gravação. Cada disco é disponibilizado online com as quatro captações diferentes.

Ao todo, o IA tem cerca de 14 milhões de músicas, quase nenhuma disponível nas plataformas do momento, o que lhe confere algumas características especiais, segundo especialistas.

“O IA é um espaço de ‘contramemória’, dando uma visão alternativa àquilo que as grandes plataformas oferecem”, argumenta Thiago Pereira, pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Culturas Urbanas e Tecnologias da Comunicação (Lab-cult) da Universidade Federal Fluminense. Segundo ele, os acervos de serviços populares, como Spotify, ganham aura de “história oficial” da música – e aquilo que fica de fora acaba sendo apagado.

Para Kahle, é importante manter essa postura: o IA já teve problemas judiciais com grandes editoras americanas por digitalizar e disponibilizar livros que ainda fazem parte dos seus interesses comerciais. Repetir a disputa com as gravadoras não seria bom negócio para o projeto.

A interface do site e o seu sistema de buscas indicam que os recursos do IA, provenientes de doações, são limitados. À reportagem, Kahle chamou o site de “não muito bom” e afirmou que gostaria de ferramentas comuns a outros sites de busca, como um sistema de recomendação. “O IA tem aquele ar de ‘biblioteca’, mais formal”, diz Gustavo Fisher, professor do programa de pós-graduação em Ciências da

Comunicação da Unisinos. “Por isso, ninguém deixaria de assinar um Spotify.”

No que depender de Kahle, o IA continuará como via alternativa. “Meu sonho é que o sistema de bibliotecas financie artistas locais e independentes. Não estou nem aí para David Bowie, ou qualquer outra coisa popular. Eu me interesse pelo moleque da rua de trás tocando agora na garagem.”

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 419 - Em 07 de abril de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.